

HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

Jonatas Roque Ribeiro*

Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rua Cora Coralina, 100, Cep. 13083-896 - Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo - Campinas - São Paulo – Brasil, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

RESUMO

Este artigo visa apontar alguns conceitos e abordagens metodológicos que o professor de história pode utilizar para melhorar e dinamizar as suas aulas, bem como os conteúdos abordados e, conseqüentemente, as percepções e a reflexão dos alunos em relação aos conteúdos históricos e à própria história. A abordagem metodológica escolhida para este trabalho apropria-se dos pressupostos metodológicos da história social, a qual problematiza o homem como principal objeto de estudo da história, neste sentido e alicerçado nas discussões envolvidas à história e ensino de história, compreendemos o papel do professor e do aluno enquanto sujeitos sociais ativos e atuantes no meio histórico. O professor, assim como o aluno, aqui é percebido enquanto sujeitos construtores da história, e por isso, objeto principal das abordagens deste texto.

Palavras-Chave: História. Ensino De História. História Social.

ABSTRACT

This article aims to point out some concepts and methodological approaches that the history teacher can use to improve and streamline their classes, as well as the content covered and hence the perceptions and reflections of students in relation to the historical contents and history itself. The methodological approach chosen for this work appropriates the methodological assumptions of social history, which questions the man as the main object of study of history, in this sense and grounded in discussions about history and history teaching, we understand the role of the teacher and the student as active social subjects in historic surroundings. The teacher, thus as the student, here is perceived as subjects builders of history, and therefore, the principal object of approaches this text.

Keywords: History. Teaching of history. Social history.

INTRODUÇÃO

O que se deve ensinar na disciplina de história? Qual seleção de conteúdos torna essa disciplina atraente para os alunos? Quais conteúdos garantem uma formação adequada? Pensar sobre estas questões e auxiliar o trabalho do professor na utilização de diferentes linguagens e abordagens na sala de aula são os objetivos deste texto.

No que se refere ao ensino de história, é importante observar que a construção do currículo não pode se limitar a um enfoque meramente disciplinar, pois, estudar o passado significa fazer referência às múltiplas experiências dos seres humanos no tempo, que são, antes de tudo, permeadas por um conjunto de conhecimentos e aspectos que não podem ser reduzidos a um recorte disciplinar. Estudar a experiência humana não pode se limitar à história político-administrativa, das guerras ou da economia. É preciso considerar o pensamento simbólico tão caro à antropologia, assim como o significado das festas, dos rituais e de suas produções artísticas. É preciso também refletir sobre os aspectos mais variados da vida cotidiana, que nos permitem identificar semelhanças e diferenças, o que permanece e o que se transforma. É importante ter em conta a produção literária e filosófica, que nos permite mergulhar nas formas de pensamento de uma época.

A historiografia, ou a história que se escreve, relaciona-se com o contexto social em que foi produzida. O historiador dialoga com o mundo em que vive, com problemas e desafios, lutas e utopias, e esse diálogo influencia a forma como ele reconstrói e interpreta o passado. Por isso, nenhuma obra de história é objetiva no sentido de ser neutra, isenta, livre de paixões e pressões de seu tempo. Nas palavras de Donald Schüler: "não apagamos as marcas do lugar em que estamos. nossa situação no tempo e no espaço faz a diferença. Ao diferir, conferimos. A diferença faz nos falar" (Schüler, 2000, p. 11).

Assim, este trabalho, como qualquer obra de história, está permeada de intencionalidade nos temas escolhidos para análise e discussão, na ênfase para determinadas questões e até mesmo nas lacunas inevitáveis. O trabalho do historiador, seja na pesquisa, seja na docência, não estabelece verdades absolutas, definitivas e

acabadas. A própria palavra história, segundo sua etimologia, refere-se à visão dos acontecimentos apreendidos pelo *histor*, "aquele que vê", o que põe fim à ilusão tão disseminada de que o historiador registra verdades absolutas. Ao investigar o sentido do conceito história, Jacques Le Goff escreveu:

A palavra história (em todas as línguas românticas e em inglês) vem do grego antigo *historia* (...). Esta forma deriva da raiz indo-européia *wid, weid, "ver"*. Daí o sânscrito *vettas, "testemunha"*, e o grego *histor, "testemunha"* no sentido de "aquele que vê". Essa concepção da visão como fonte essencial conhecimento leva-nos à ideia de que *histor, "aquele que vê"*, é também "aquele que sabe"; *historia* em grego antigo é "procurar saber", "informar-se". *Historia* significa, pois "procurar" (Le Goff, 1996, p. 17).

A visão de quem "procura saber" emana do sujeito, e o acontecimento se desenvolve na realidade do mundo. A visão do historiador busca identificar e explicar as atividades humanas, mas ela não é onipotente. A compreensão e o conhecimento histórico resultam do modo como às pessoas (no contexto aqui abordado, os professores e os seus alunos) captam, interpretam e apresentam o processo histórico. Portanto, o conteúdo desse saber sempre comportará uma pluralidade de enfoques, além de reavaliações, uma vez que o conhecimento histórico não é uma doutrina. Assim, o conteúdo desse artigo tem caráter provisório, seletivo e limitado. Por isso, é insistido aqui que ele serve apenas de ponto de partida, nunca de chegada, e deve ser discutido, ampliado e questionado tendo em vista que a história, como processo de conhecimento, é uma atividade contínua.

A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO

O desafio do professor de história reveste se de duplo significado. De um lado, é preciso selecionar os conteúdos a serem apresentados aos alunos o que, inevitavelmente, implica escolhas temáticas e a adoção de determinada versão dos acontecimentos. De outro, é necessário empenhar-se para que os alunos

desenvolvam uma reflexão crítica em relação aos conteúdos estudados e, com isso, construam seu próprio saber. É importante o professor saber que: “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (Karnal, 2008, p. 28).

É na ação educadora entre professores e alunos que surgem as questões, os problemas, as formas mais adequadas de lidar com o material de estudo e as iniciativas de trabalho. A preparação de uma aula e sua efetivação é tarefa complexa, comportando inúmeras variáveis que somente são dominadas pelo educador em seu contato singular com os educandos.

O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO

A história, como processo de conhecimento, é uma atividade contínua. Nenhum livro dá conta dessa dinâmica tão ampla e ininterrupta. Assim, ao apresentar os conteúdos de um livro, o autor estará selecionando informações, optando por caminhos, apresentando versões (já que, tal como o professor, o autor tem suas próprias concepções, impressões e formação) e lidando, sempre, com uma parcela do processo de conhecimento. Como salientou Eric Hobsbawm: “todo estudo histórico, portanto, implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção” (Hobsbawm, 1998, p. 71).

Essas considerações nos remetem à questão do papel do livro didático no processo educativo. O livro didático é um elemento da aula que deve contribuir para o processo ensino aprendizagem. Sabe-se, que ele é, muitas vezes, o principal recurso de que professores dispõem, mas, o livro didático não é (e não deve ser tomado como) uma coletânea de aulas prontas a ser aplicadas. É importante salientar que os livros didáticos “muitos criticados, muitas vezes considerados os culpados pelas mazelas do ensino de história, os livros didáticos são invariavelmente um tema polêmico. diversas pesquisas tem revelado que são um instrumento a serviço da ideologia e da perpetuação de um ensino tradicional” (Bittencourt, 2008, p. 300). Vale ressaltar, ainda,

que nenhum livro didático substitui o trabalho do professor na sala de aula.

AVALIAÇÃO

A maneira mais adequada de proceder à avaliação deve ser: sem um instrumento específico para ocorrer, sem uma definição rigorosa separando o momento de ensinar, o momento de aprender e o momento de demonstrar o conhecimento, com diferentes graus de complexidade e levando em conta as habilidades desenvolvidas ao longo do processo ensino-aprendizagem. Uma proposta de avaliação aqui lançada é a avaliação por meio de provas periódicas, sugerindo que o professor valorize menos as questões que levem a uma única resposta e os testes de múltipla escolha. O formato que induz à resposta “correta” (única e rígida) dificulta a percepção de eventuais problemas no aprendizado e não cria oportunidades para que os alunos expressem mais plenamente suas capacidades.

Além da aprendizagem dos conteúdos históricos, que pode ser avaliada nas provas discursivas, é preciso atentar para outras habilidades, assim como para o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo que capacite o aluno a elaborar conhecimentos com base em experiências e pontos de vista pessoais que possam ser expressos e debatidos coletivamente. Assim, as propostas de pesquisas, debates, interpretações e leituras de diferentes tipos de textos e imagens podem ser alternativas promissoras para a formação dos alunos num sentido amplo. Essa formação engloba não só o conhecimento formal de conteúdos históricos, mas também a criação e o desenvolvimento de atitudes e procedimentos.

A sugestão é que o professor explicita para os alunos os critérios pelos quais serão avaliados e utilize diversas modalidades de avaliação, entre as quais: a organização de debates, a realização de seminários individuais ou em grupo com base em temas indicados pelo professor ou escolhidos pela classe, a elaboração de relatórios de pesquisa, a organização de murais temáticos, a escrita de artigos para um jornal, que pode ser criado na sala de aula ou na escola, a produção de textos com críticas a filmes, exposições ou visitas a museus e outras instituições, a realização de entrevistas, a resenha crítica de livros ou filmes indicados pelo professor.

TEORIAS E METODOLOGIAS

A educação compreende dois pontos indissociáveis. De um lado, ela se faz pela transmissão do saber, que se constitui de conteúdos considerados socialmente relevantes, e chegam ao estudante “de fora para dentro”. De outro, é preciso extrair respostas ativas do aluno, instigá-lo a produzir o saber, propiciando situações das quais possa emergir sua própria interpretação dos conteúdos transmitidos. Enfim, tão importante quanto à transmissão de conhecimentos e experiências socialmente acumulados é o estímulo ao desenvolvimento das habilidades e competências que tornam o aluno apto a aprender a conhecer.

É de extrema importância, que o professor tenha domínio e aborde, coerentemente, o processo histórico a partir de uma sequência temporal, indicando mudanças e permanências que, na vida social, ressoam do passado até nossos dias, em outras palavras, incorporar o passado e o presente como possibilidades e categorias de estudo. Contudo, ao abordar o processo histórico, não se deve apresentá-lo como inexorável, pois, o presente não é o destino inevitável do processo histórico, assim como o passado não constitui uma realidade única, cristalizada e imutável, mas sim um campo de estudos no qual ingressamos munidos de nossas próprias indagações. O resultado de nossa busca depende, fundamentalmente, dos tipos de questões que fazemos das “ferramentas” que utilizamos ao estudar história.

No tocante a abordagem dos assuntos, o professor deve procurar escapar às armadilhas dos determinismos, pois, na história nada está previamente estabelecido. É importante que o professor utilize fontes de natureza variada: documentos escritos e iconográficos, públicos e privados, história oral, imprensa, literatura, cinema, música, livros de memorialistas, entre outras.

PESQUISA, ENSINO E APRENDIZAGEM

Visando contribuir para o desenvolvimento do trabalho do professor de história, coloco algumas palavras sobre os procedimentos do trabalho com algumas fontes, dando especial destaque no que tange no processo de inseri-las no processo de ensino aprendizagem. o trabalho do pesquisador e do professor não é considerado estanque. Ao lidar com o universo dos seus

alunos, o professor pode e deve incentivá-los a pesquisa:

A docência envolve uma proposta pedagógica e um modo de conceber a produção do conhecimento histórico que estão intimamente ligados. A relação professor-aluno expressa sempre uma concepção de história mesmo quando professores e alunos não se dão conta disso (...). Embora o passado enquanto tal não se modifique, a construção do conhecimento se modifica de acordo com o modo pelo qual o historiador se vê no presente, pensa o social e se insere nele, enquanto sujeito social e enquanto pesquisador (Vieira, et al. 2007, p. 65).

A pesquisa histórica lida com diversos tipos de fontes em suportes variados, e é preciso levar em conta as especificidades do trabalho com esses materiais. O domínio de técnicas e linguagens aplicáveis a documentos de diferentes tipos (escritos, iconográficos, orais, musicais, etc.) requer um exercício constante e recorrente de pesquisa, não havendo uma fórmula única para lidar com eles. A recomendação de caráter mais geral é jamais encarar os documentos como reflexos da verdade, pois todos são partes constitutivas das relações e da realidade sociais.

Os documentos sejam escritos, sonoros ou iconográficos, possuem características em comum. São fontes para a investigação histórica, podem ser abordados com base em uma perspectiva multidisciplinar e representam pistas para o desvendamento do passado, embora sejam fragmentários, ambíguos e às vezes repletos de intenções, significados não explicitados e omissões propositais. Como escreveu Jacques Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu

significado aparente (Le Goff, 1996, pp. 547-548).

O professor pesquisador consegue trazer para as suas aulas, um toque de instigação que faz surgir nos alunos, vontades e necessidades de aprender. A inquietude que a pesquisa provoca no pesquisador é a mesma existente no professor pesquisador, que por sua vez, transmite-a para os seus alunos, fazendo com que eles tomem gosto pela disciplina de história, bem como pelos estudos sociais e culturais relacionados à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é destinado aos professores e alunos do ensino fundamental II e ensino médio. O título destaca a importância atribuída à dinâmica entre conhecimento e ação no desenvolvimento da conscientização histórica. A conscientização, como processo contínuo, vincula o ser humano às suas próprias experiências e à sociedade na qual ele vive, permitindo-lhe superar o isolamento social e a alienação (alheamento), o que propicia o desenvolvimento e indivíduos comprometidos e

atuantes. Ao conceber e escrever este trabalho, o objetivo principal foi oferecer subsídios ao professor no processo de ensino, mas também estimulá-lo a buscar, por si próprio outros instrumentos de trabalho e a descobrir novas formas de explorá-los.

Sabemos que artigos, ensaios e outros trabalhos sobre ensino de história são referências para muitos professores elaborarem planos de aula, bem como para dar as aulas. Aula é um processo dinâmico em que professores e alunos são autores da relação ensino-aprendizagem. Nessa relação, são inúmeras as questões em jogo, como por exemplo, as diferentes realidades sociocognitivas dos alunos, o momento histórico em que cada tema de estudo é abordado e o contato singular entre professores e alunos.

Em meio há tantos fatores, o objetivo deste trabalho é auxiliar professores e alunos na exploração de trilhas do processo histórico, contribuindo para a construção da cidadania. É preciso ressaltar que muitos percursos históricos podem ser realizados, muitas histórias podem ser construídas. Por isso, espera-se que conteúdo deste trabalho seja discutido, ampliado e questionado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo; Contexto, 2008.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

KARNAL, Leandro. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SCHÜLER, Donaldo. *Heráclito e seu (Dis)Curso*. Porto Alegre: L&Pm, 2000.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo *et al.* *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2007.
